

Versão Online ISBN 978-85-8015-093-3
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Artigos

2016

Ensino de Ética por meio das Histórias em Quadrinhos

Cleyson Mendes Soares¹

Gerson Vasconcelos Luz²

Resumo

Este artigo visa apresentar dados qualitativos referente aos resultados da pesquisa, produção didático-pedagógica e implementação propostas aos alunos do segundo ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Professor Mailon Medeiros – EFMP, Município de Bandeirantes, a partir da Linha de Estudo Ética. A metodologia utilizada para elaboração e desenvolvimento das atividades é a pesquisa-ação. O estudo resultou em uma Unidade Didática que tem como objetivo aliar os conhecimentos da tradição filosófica e os interesses dos alunos enquanto sujeitos do conhecimento, utilizando como possibilidade de mobilização para as discussões as reflexões abordadas nas Histórias em Quadrinhos. Esta ação propõe identificar os conceitos morais presentes nas Histórias em Quadrinhos, além de compreender sua relação com o cotidiano escolar e estabelecer o campo de investigação da Ética, por meio de pensadores da tradição filosófica, além de conceituar as suas principais discussões.

Palavras-chave: Ética; Histórias em Quadrinhos; Cotidiano Escolar.

Introdução

Este artigo propõe apresentar os encaminhamentos e resultados das ações desenvolvidos durante os anos de 2016 e 2017, referente ao Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), conforme Projeto de Intervenção Pedagógica e Produção Didático-Pedagógica. O tema estudado - Ensino de Ética por meio das Histórias em Quadrinhos - as opções metodológicas e encaminhamentos partiram do problema: Como trazer os conceitos do campo

¹ Professor PDE. Professor da Rede Estadual da Educação Básica no Estado do Paraná. Graduação em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista-UNESP. Especialização em PROEJA pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná-UTFPR.

² Professor Orientador da Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP.

de investigação Ética e as reflexões inerentes ao seu estudo, contidas na tradição filosófica, para a realidade escolar dos alunos?

Como possibilidade de mobilização para as discussões que estão presentes na tradição filosófica e nos textos clássicos da Filosofia, especificamente da Ética, utilizamos temas e reflexões abordadas em Histórias em Quadrinhos que foram problematizados e sistematizados do ponto de vista da reflexão filosófica como, por exemplo, quais as responsabilidades do herói com sua comunidade? Por que poderes trazem responsabilidades? O que leva um indivíduo à ações altruístas? É necessário que haja punição para garantir ações morais? A partir de uma seleção de Histórias em Quadrinhos, pudemos observar os elementos simbólicos em sua produção, permitindo estimular o aluno a refletir sobre as próprias condições do cotidiano.

É importante ressaltar que as Histórias em Quadrinhos estão disponíveis no cotidiano dos alunos por meio de produções cinematográficas, principalmente nos últimos anos, ampliando o conhecimento do público em geral sobre o contexto destas histórias e suas diferentes significações, potencializando a necessidade de conhecimento da produção impressa destas obras, que tem sua origem no século XIX, consolidadas como elemento cultural.

Portanto, procurou-se desenvolver um trabalho que possa aliar os conhecimentos da tradição filosófica e as expectativas e interesses dos alunos enquanto sujeitos do conhecimento. Dessa forma, o objetivo geral do trabalho consiste na interpretação do contexto escolar por meio dos conceitos éticos, compreender a função da Ética e analisar os principais conceitos éticos presentes na tradição filosófica.

Embora as atividades contidas na Unidade Didática como sugestões de encaminhamentos terem sido pensadas a partir da realidade social do Estabelecimento de Ensino onde foi realizada a implementação do projeto, devemos destacar que o caráter flexível da pesquisa-ação permite adaptá-las em diferentes localidades, sendo um dos objetivos deste artigo a socialização destes estudos para utilização em diferentes Estabelecimentos de Ensino.

Revisão Bibliográfica

1. Importância do Estudo de Ética

A análise sobre as possibilidades, motivações e consequências das condutas humanas são objetos de investigação ao longo da história e, quando nos referimos especificamente à cultura ocidental, possuem suas primeiras sistematizações na antiguidade grega.

Podemos definir, a princípio, por meio desse cenário Ética sendo

Em geral, ciência da conduta. Existem duas concepções fundamentais dessa ciência: 1º a que a considera como ciência do fim para o qual a conduta dos homens deve ser orientada e dos meios para atingir tal fim, deduzindo tanto o fim quanto os meios da natureza do homem; 2º a que a considera como a ciência do móvel da conduta humana e procura determinar tal móvel com vistas a dirigir ou disciplinar essa conduta. (ABBAGNANO, 1998, p. 380)

É neste sentido que entendemos a importância do estudo de Ética como campo de investigação no contexto escolar. Não é possível tratarmos de relações humanas sem nos ater aos modos como são discutidas e efetivadas as normatizações da conduta humana.

Devemos afastar desta interpretação qualquer viés moralizante, no sentido comum do termo, tendo em vista que o estudo de Ética possui exatamente o rigor metodológico trazido pela Filosofia. O objetivo não é determinar frente aos alunos quais as ações devem ser elogiadas ou recriminadas, ou ainda como o agente social deve se comportar, mas sim, identificar, compreender e conceituar as motivações e objetivos humanos frente aos desafios que são postos em sociedade.

Partindo desta compreensão podemos definir a função do estudo de Ética enquanto conteúdo escolar

A ética possibilita análise crítica para atribuição de valores. Pode ser ao mesmo tempo especulativa e normativa, crítica da heteronomia e da anomia e propositiva na busca da autonomia. Por isso, a ética possibilita o desenvolvimento de valores, mas pode ser também o espaço da transgressão, quando valores impostos pela sociedade se configuram como

instrumentos de repressão, violência e injustiça. (SEED, 2002, p. 57)

A interpretação de diferentes pensadores, em diferentes épocas, nos auxilia na proposta de instrumentalizar os alunos com referenciais teóricos que elucidam o tema a partir de um contexto histórico, mas também estabelecem conceitos que norteiam a investigação independente de época ou local, trazendo consigo o caráter científico que o debate requer.

Os referenciais teóricos possibilitam que os alunos identifiquem os problemas de seu próprio tempo, em seu próprio contexto, e proponham formas de compreendê-los ou superá-los.

2. Uso de História em Quadrinhos em sala de aula

A utilização de diferentes recursos pedagógicos em sala de aula parte da proposta de se trabalhar os conhecimentos disciplinares de forma que atenda as necessidades e interesses dos alunos. As HQs atendem este objetivo por conterem temas e discussões apresentados de forma lúdica

[...] elas não trazem só o divertimento; se expõe de uma forma perspicaz às questões referentes à ética e moral, que todo “ser normal” enfrenta em seu dia-a-dia. Estas histórias introduzem e abordam de forma vivida as questões de suma importância enfrentadas pelos seres humanos, as questões referentes à ética, à responsabilidade pessoal e social, à justiça, ao crime e ao castigo, à mente e às emoções humanas, à identidade pessoal, à alma, à noção de destino, ao sentido de nossa vida, ao que pensamos da ciência e da natureza, ao papel da fé na aspereza deste mundo, à importância da amizade, ao significado do amor, à natureza de uma família, às virtudes clássicas como coragem e muitos outros temas. (WESCHENFELDER, 2012, p. 3)

Apesar da origem das HQs estarem atreladas a um período anterior acaba

Consolidando-se como linguagem na mídia impressa norte-americana do século XIX, a história em quadrinhos

concentrou-se em conteúdos humorísticos e esteve inicialmente voltada para o público menos letrado, abordando com comicidade as mazelas do operariado, dos núcleos familiares de classe média e baixa, contemplando também a possibilidade do protagonismo feminino, de minorias sociais e étnicas (BARI, 2008, p. 44)

Essas características das HQs tornam este tipo de gênero textual um importante recurso pedagógico, principalmente no que se refere a mobilização dos alunos para as discussões que serão tratadas em sala de aula e que estão contidas no contexto escolar. Cabe ainda destacar a possibilidade de formação de leitores a partir da HQ

Assim, o uso da HQ em sala de aula como documento histórico, é uma forma para que o aluno compreenda uma das interpretações possível do acontecimento histórico, que é retratada nos quadrinhos, de acordo com o contexto no qual foi produzido. Por isso, destaca-se neste trabalho o uso das HQs como estratégia de ensino, pois mesmo diante do desenvolvimento de novos meios de comunicação e entretenimento, cada vez mais variados, rápidos e sofisticados, não impediu que as histórias em quadrinhos, continuassem atraindo um grande número de leitores. (DALAZOANA, 2013, p. 6)

Exemplo de possibilidade de discussão nas HQs é encontrado na saga Guerra Civil da Marvel Comics, no momento em que super-heróis começam a ser presos por não concordarem com as ações do governo. O que é correto fazer em nome da segurança e liberdade? Qual é o caráter da punição? O que é justiça?

A existência da Prisão de Zona Negativa na história é mais um indício do lado escolhido pela editora. A representação da Prisão de Guantánamo só pode aludir aos crimes, privação de direitos e torturas que foram perpetrados pelo governo estadunidense, alvo de críticas e denúncias de desrespeito à Convenção de Genebra (CALLARI, 2014, p. 161)

A ideia de um herói, ou super-herói, não está desvinculada dos elementos que estão presentes em nosso cotidiano. Apesar de apresentados de forma lúdica, os heróis enquanto conceito são representações do que esperamos dos indivíduos comuns da sociedade, “[...] ‘herói’ nas histórias em quadrinhos é utilizado para definir aquele que se diferencia dos demais personagens por seus valores morais e suas ações extraordinárias” (SILVA, 2001, p. 02).

Nesta perspectiva, podemos apontar alguns questionamentos que fazem parte da tradição filosófica e que estão presentes nas HQs. Heróis agem conforme a virtude aristotélica? O que leva o herói a ter uma vontade boa? Age por inclinação egoísta ou por dever? O que é felicidade para o herói? Caso não exista natureza humana, na perspectiva existencialista, por que um indivíduo se torna criminoso? O que seria angústia para o herói? Qual a origem da bondade do herói: bondade ou utilidade? O herói é livre para agir de outra maneira do que o tornou herói?

Todos esses questionamentos podem ser encontrados, com outras roupagens, nas obras de Aristóteles, Kant, Nietzsche e Sartre e estão presentes como elementos simbólicos nas HQs, cabe a partir da leitura destas problematizar, conceituar e discutir quais os princípios das condutas humanas e projetá-los para o contexto escolar.

3. Aristóteles e a ação moralmente boa

A condução do indivíduo à ação moral é um dos objetivos da Ética como encontramos no texto *Ética à Nicômaco*. Toda ação possui uma finalidade, neste caso, um bem, que seria a felicidade. No entanto, só é possível alcançarmos a felicidade por meio de uma vida virtuosa. “A felicidade é, portanto, algo absoluto e auto-suficiente, sendo também a finalidade da ação” (Aristóteles, 200, p. 15).

O papel da virtude é essencial nesta perspectiva. Enquanto disposição do caráter permite orientar a conduta humana tendo em vista o sumo bem, ou ainda a felicidade. Desse modo

A virtude é, pois, uma disposição de caráter relacionada com a escolha e consistente numa mediania, isto é, a mediania relativa a nós, a qual é determinada por um

princípio racional próprio do homem dotado de sabedoria prática. E é um meio-termo entre dois vícios, um por excesso e outro por falta; pois que, enquanto os vícios ou vão muito longe ou ficam aquém do que é conveniente no tocante às ações e paixões, a virtude encontra e escolhe o meio-termo. E assim, no que toca à sua substância e à definição que lhe estabelece a essência, a virtude é uma mediania; com referência ao sumo bem e ao mais justo, é, porém, um extremo. (Aristóteles, 2001, p. 38).

Esta mediania permite conduzir as ações humanas, por exemplo, quando analisamos a temperança, coragem, modéstia, magnificência e das conseqüências do excesso e da falta quando correlacionamos com as paixões ou sentimentos.

Como ponto de partida para interpretar uma ação, conseqüentemente uma possível punição, tendo em vista um legislador, Aristóteles distingue ações voluntárias, com conhecimento, e involuntárias, como compulsão ou ignorância, ambas analisadas no momento da ação.

Estes dois termos, voluntário e involuntário, auxiliam na análise sobre o significado da escolha. Tem em vista um fim e o meio para alcançá-lo, sendo

[...] o objeto de escolha uma coisa que está ao nosso alcance e que é desejada após deliberação, a escolha é um desejo deliberado de coisas que estão ao nosso alcance; porque, após decidir em resultado de uma deliberação, desejamos de acordo com o que deliberamos. (Aristóteles, 2001, p. 54)

Toda ação depende do indivíduo, apesar de haver circunstâncias exteriores que possam influenciá-lo. “Logo, depende de nós praticar atos nobres ou vis, e se é isso que se entende por ser bom ou mau, então depende de nós sermos virtuosos ou viciosos” (Aristóteles, 2001, p. 55).

A justiça aparece como forma de estabelecer a interpretação das ações, seus objetivos, conseqüências e a forma como podemos julgá-las.

Portanto, a justiça neste sentido não é uma parte da virtude, mas a virtude inteira; nem é seu contrário, a

injustiça, uma parte do vício, mas o vício inteiro. O que dissemos põe a descoberto a diferença entre a virtude e a justiça neste sentido: são elas a mesma coisa, mas não o é a sua essência. Aquilo que, em relação ao nosso próximo, é justiça, como uma determinada disposição de caráter e em si mesmo, é virtude. (Aristóteles, 2001, p 99)

Assim, ações podem ser chamadas de justas ou injustas, ressaltando o caráter voluntário ou involuntário da escolha.

4. Kant e o princípio do dever

A concepção ética kantiana parte da ideia de uma razão pura prática, ou seja, da determinação a priori de princípios que norteiam a conduta humana e possuam uma necessidade absoluta. Como recorte da teoria kantiana selecionamos o texto *Fundamentação da Metafísica dos Costumes* que possui como proposta a análise que parte do conhecimento vulgar (ou senso comum) para os princípios da razão pura e propõe uma *Metafísica dos Costumes*

[...] indispensavelmente necessária, não só por motivos de ordem especulativa para investigar a fonte dos princípios práticos que residem a priori na nossa razão, mas também porque os próprios costumes ficam sujeitos a toda a sorte de perversão enquanto lhes faltar aquele fio condutor e norma suprema do seu exacto julgamento. (KANT, 1964, p. 16)

Para determinar uma lei moral, tal qual evidenciada na teoria kantiana, deveríamos nos pautar em princípios da razão pura, isto é, em conceitos que não possuem influências de elementos empíricos. Esta característica é que distingue uma lei moral de uma regra prática. Apesar de elementos empíricos não serem excluídos da análise de Kant, eles não podem resultar em uma lei moral absoluta e universal. Portanto, a função de uma *Metafísica dos Costumes* seria a de investigar a fonte dos princípios práticos (KANT, 1964).

Cabe destacar que para Kant o conceito de metafísica refere-se à doutrinas ou filosofia que se apóiam em princípios *a priori*, depurados todos os elementos empíricos. (KANT, 1964) A experiência auxilia na criação de modelos, mas apenas se segue os princípios do dever

Não se poderia também prestar pior serviço à moralidade do que querer extraí-la de exemplos. Pois cada exemplo que me seja apresentado tem de ser primeiro julgado segundo os princípios da moralidade para se saber se é digno de servir de exemplo original, isto é, de modelo; mas de modo nenhum pode ele dar o supremo conceito dela. (KANT, 1964, p. 42)

O objetivo da obra que utilizamos como referência, e da teoria ética kantiana como um todo, é a busca de princípios universais da moralidade, ou ainda, da conduta humana, baseados na ideia de uma vontade pura. Dessa forma, as ações dos indivíduos possuiriam como fundamento não uma vontade pautada em sentimentos, inclinações ou experiências específicas, mas sim em uma vontade pura de caráter universal definida *a priori*.

Kant parte da análise de um dos principais conceitos que usualmente empregamos para justificar uma ação boa, a boa vontade. Porém, problematiza esta concepção pela possibilidade de estar atrelada as inclinações pessoais caso não possua como orientação a razão. Assim

A boa vontade não é boa por aquilo que promove ou realiza, pela aptidão para alcançar qualquer finalidade proposta, mas tão-somente pelo querer, isto é em si mesma, e, considerada em si mesma, deve ser avaliada em grau muito mais alto do que tudo o que por seu intermédio possa ser alcançado em proveito de qualquer inclinação, ou mesmo, se se quiser, da soma de todas as inclinações. (Kant, 1964, p. 23)

Apesar de aliado a princípios *a priori*, a razão possui um destino prático. O papel da razão é produzir uma vontade boa não por sua utilidade, finalidade ou intenção, mas por seu valor absolutamente necessário. Dessa forma, alcançamos o significado do conceito de Dever. A conduta humana não é boa em si mesma devido a vontade, pois pode estar atrelada a inclinações

personais, mas é a boa vontade de acordo com o dever de se agir de uma determinada maneira a partir de princípios universais definidos pela razão.

Para interpretar uma ação, ou definir uma ação a ser praticada, deveríamos analisar se somos regidos por inclinações egoístas ou simplesmente por dever, sendo este último que define o valor do caráter, isto é, fazer o bem não por obrigação ou inclinação, mas por dever.

Outros dois princípios são importantes nesta análise. O Princípio do Querer, segundo o qual uma ação tem seu valor na proposição que a determina e não na sua finalidade e o Princípio da Vontade onde são retirados os elementos empíricos para análise da ação e sobressaem os princípios a priori do querer. Assim “[...] dever é a necessidade de uma ação por respeito à lei.” (KANT, 1964, p.31).

Toda conduta humana pautada em princípios morais são regidos pelo respeito à lei, significado próprio do dever, e esta lei defini-se como uma Lei Universal. Quando precisamos tomar uma decisão devemos fazer a pergunta: a ação escolhida pode ser tornar lei universal? Em resumo

Metafísica dos costumes, completamente isolada, que não anda misturada nem com a Antropologia nem com a Teologia, nem com a Física ou a Hipofísica, e ainda menos com as qualidades ocultas (que se poderiam chamar hipofísicas), não é somente um substrato indispensável de todo o conhecimento teórico dos deveres seguramente determinado, mas também um desiderato da mais alta importância para a verdadeira prática das suas prescrições. Pois a pura representação do dever e em geral da lei moral, que não anda misturada com nenhum acrescento de estímulos empíricos, tem sobre o coração humano, por intermédio exclusivo da razão. (Kant, 1964, p. 45)

A razão determina a vontade, independente de inclinações e com vistas ao necessário. Segue desta análise o conceito de obrigação como determinação da vontade conforme leis objetivas da razão e não por leis contingentes. Uma ação é boa se determinada por princípios objetivos.

A relação entre lei objetiva e subjetividade do sujeito é o que Kant chama de Imperativo

A representação de um princípio objectivo, enquanto obrigante para uma vontade, chama-se um mandamento (da razão), e a fórmula do mandamento chama-se Imperativo. Todos os imperativos se exprimem pelo verbo dever (sollen), e mostram assim a relação de uma lei objectiva da razão para uma vontade que segundo a sua constituição subjectiva não é por ela necessariamente determinada (uma obrigação). (Kant, 1964, p. 45)

Esta representação pode ser dividida em Imperativo Hipotético ou Imperativo Categórico. O primeiro refere-se a uma necessidade prática, uma intenção possível ou real, já o segundo a ação objetivamente necessária, sem qualquer intenção ou finalidade (Kant, 1964).

Sinteticamente, no Imperativo Hipotético o dever é meio para se alcançar um objetivo e, apesar de ser utilizado para um fim, é baseado em leis objetivas da razão. No Imperativo Categórico o dever é um fim em si mesmo, independente dos resultados ou finalidade, apenas como dever segundo as leis objetivas.

5. Nietzsche e a origem do bem e do mal

Em sua obra *A Genealogia da Moral*, Nietzsche procura investigar a origem dos valores morais que são definidos como orientadores da conduta humana, por exemplo, altruísmo, compaixão, piedade. Para isto, procura realizar análise histórica da gênese da moral.

Em primeiro lugar, procura identificar a origem da oposição de bem e mal e bom e mau. Dessa forma

A indicação do caminho certo me foi dada pela seguinte questão: que significam exatamente, do ponto de vista etimológico, as designações para "bom" cunhadas pelas diversas línguas? Descobri então que todas elas remetem à mesma transformação conceitual - que, em toda parte, "nobre", "aristocrático", no sentido social, é o conceito básico a partir do qual necessariamente se desenvolveu

"bom", no sentido de "espiritualmente nobre", "aristocrático", de "espiritualmente bem-nascido", "espiritualmente privilegiado": um desenvolvimento que sempre corre paralelo àquele outro que faz "plebeu", "comum", "baixo" transmutar-se finalmente em "ruim". (NIETZSCHE, 1998, p. 26)

A partir desta visão que Nietzsche estabelece a relação entre a moral dos senhores e a moral dos escravos. A primeira, relacionada à uma aristocracia, onde os "nobres" são caracterizados por uma superioridade e traços de caráter, ou ainda com nobreza da alma; já a segunda, relacionada aos sacerdotes, que inverte esses valores morais afirmando que bom não é ser nobre, mas sim pobre

[...] só os miseráveis são bons, os pobres, os impotentes, os pequenos são os bons, e ainda aqueles que sofrem, os necessitados, os enfermos, os doentes, os feios são também os únicos seres piedosos, os únicos abençoados por Deus. (NIETZSCHE, 1998, p. 32)

Portanto, essa moral dos escravos surge com o que Nietzsche chama de ressentimento em uma crítica principalmente ao judaísmo e ao cristianismo. A moral dos nobres (enquanto afirmação do próprio indivíduo) é superada e substituída pelo moral do ressentimento que coloca as atitudes dos indivíduos como reação a algo que é externo a ele, concebendo o outro como inimigo, como "mau".

Por meio da cultura que esta concepção se perpetuada como forma de "domesticar a besta humana" (NIETZSCHE, 1998, p.39) e compreendendo que o indivíduo bom é aquele que não subjaz ninguém e vive conforme a humildade. Historicamente, os valores "bom e mau" e "bom e malvado" são debatidos conforme uma visão moral que prevaleceu, isto é, a moral dos ressentidos, a moral do "rebanho".

O conceito de consciência surge da ideia de um indivíduo soberano, que possui liberdade, isto é, poder sobre suas ações. Nietzsche compreende como indivíduo soberano o

[...] indivíduo próximo de si mesmo, o indivíduo livre da moralidade dos costumes, o indivíduo autônomo e

supermoral [...] o homem dotado de vontade própria, independente, persistentes o homem que tem o direito de prometer... (NIETZSCHE, 1998, p.57)

A responsabilidade seria um privilégio devido a liberdade, no entanto, para a moral do ressentimento ela surge “unicamente pela moralidade dos costumes e pela camisa de força social” (NIETZSCHE, 1998, p.57). Em consequência, temos os conceitos de falta e má consciência. Eles têm origem assim como a relação entre credor e devedor. Historicamente, a justiça está relacionada à compensação, ao exercício do poder

O vendedor, para inspirar confiança em sua promessa, para dar uma garantia de sua seriedade e honradez, para gravar em sua própria consciência a necessidade de pagamento sob forma de dever, de obrigação. (NIETZSCHE, 1998, p.62)

A sociedade surge como credor nesta perspectiva, sendo o castigo uma forma de privar dos benefícios desta sociedade e da lembrança que o criminoso é culpado. A ideia de dívida, e de culpa, resulta desta relação.

A má consciência teria sua origem quando o homem interiorizou sua vontade, seus instintos devido a forma moralizante dos costumes organizados dentro de uma sociedade. “Esse instinto de liberdade [...] pisoteado, encarcerado no interior, obrigado a desenvolver-se e desvincular-se dentro de si mesmo: é isso, nada mais que isso, em seus inícios, a má consciência” (NIETZSCHE. 1998, p.83). A má consciência seria, portanto, o conflito interior ao homem entre os instintos naturais e as leis da sociedade.

Em relação aos ideais ascéticos, Nietzsche afirma que servem principalmente para frear os instintos, sendo “[...] as três palavras mágicas do ideal ascético: pobreza, humildade, castidade” (NIETZSCHE, 1998, p. 106). Tem sua origem principalmente no instinto de proteção e salvação. Diretamente relacionado ao ressentimento, procura encontrar outro que seja culpado pela dor que o indivíduo sente.

A moral, ou princípios morais, surgiria como remédio para o ressentimento e a principal forma como as religiões agem. O sentimento de culpa, de dívida seria “[...] a primeira indicação relativa à “causa” de seu sofrimento: deve procurá-la em si mesmo, numa falta cometida no passado,

deve aceitar o sofrimento como um estado de castigo [...]” (NIETZSCHE, 1998, p 135).

6. Sartre e a responsabilidade

O texto Existencialismo é um Humanismo de Sartre é apresentado como pano de fundo para defender o Existencialismo de diversas críticas que lhe foram imputadas, sendo esta filosofia “[...] fruto de uma liberdade sem limites, absoluta e incondicionada: de uma liberdade que faz do homem uma espécie de Deus criador do seu mundo e o torna responsável pelo mundo” (ABBAGNANO, 1998, p. 404).

A discussão moral que surge desta concepção possui como primeiro princípio a ideia que o homem é aquilo que ele faz de si mesmo. Afirmar que a existência precede a essência

Significa que, em primeira instância, o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define. O homem, tal como o existencialismo o concebe, só não é passível de uma definição porque, de início, não é nada: só posteriormente será alguma coisa e será aquilo que ele fizer de si mesmo, Assim, não existe natureza humana, já que não existe um Deus para concebê-la. (SARTRE, 1987, p. 6).

O homem enquanto projeto parte de uma decisão consciente e todo querer é posterior a formação de sua subjetividade, daquilo que escolheu para si. Consequentemente, “o homem é responsável pelo que é.” (SARTRE, 1987, p. 6). Toda escolha, toda decisão pauta-se na responsabilidade inerente às ações, não só por se relacionam a sua individualidade, mas também por se relacionarem com todos os demais indivíduos.

Quando cada indivíduo escolhe necessariamente está escolhendo por todos demais indivíduos, pois “[...] nada pode ser bom para nós sem o ser para todos.” (SARTRE, 1987, p. 7).

Devido a responsabilidade, surge a angústia, pois o indivíduo compreende que não pode escapar desta responsabilidade de escolher para si e para toda a humanidade. Uma ação boa está condicionada a interpretação e

escolha do indivíduo. A angústia faz parte da própria ação, não sendo ela um empecilho para agir, mas sim fazendo parte da própria decisão.

A concepção existencialista pressupõe necessariamente a liberdade do indivíduo, e nesta medida implica na liberdade de todos. Se existência precede a essência, não existe um determinismo que predispõem a ação de cada um de nós. Esta é a explicação para a afirmação

[...] que o homem está condenado a ser livre. Condenado, porque não se criou a si mesmo. E como, no entanto, é livre, uma vez que foi lançado no mundo, é responsável por tudo que faz... Pensa, portanto, que o homem, sem apoio e sem ajuda, está condenado a inventar o homem a cada instante. (SARTRE, 1987, p. 9)

A ideia de angústia traz consigo o conceito de desamparo. Todo indivíduo é livre e não existe nada que possa apoiá-lo em suas decisões, nem natureza humana nem uma moral precedente.

O existencialismo se caracteriza, portanto, em uma moral da ação e do engajamento, pois só é possível o homem se definir por meio das ações possíveis e escolhidas por si. Esta definição é construída de forma permanente. Não é possível não escolher, pois este ato por si só já é uma escolha.

O humanismo existencialista se configura como universo da “subjetividade humana” (SARTRE, 1987, p. 2). O homem, por meio da escolha, da liberdade, da responsabilidade, se constitui como universo humano.

Desenvolvimento do Projeto

A partir da identificação do problema que norteou as ações que seriam desenvolvidas no Estabelecimento de Ensino, iniciaram os encaminhamentos necessários para a elaboração do Projeto de Intervenção Pedagógica, utilizando-se como subsídios cursos, formações tecnológicas e seminários previstos como formação pelo PDE em parceria com a Universidade do Norte do Paraná (UENP), ocorridos no 1º período do PDE em 2016.

Essa fase foi destinada ao planejamento e socialização dos estudos no próprio Estabelecimento de Ensino de implementação por meio de participação em Semana Pedagógica, encontros de orientação, reuniões pedagógicas, discussões em conselhos de classe, reuniões com equipe pedagógica com o objetivo de alcançar uma compreensão ampla do ambiente escolar e de suas necessidades. Dessa forma, seria possível, a partir do problema identificado e Linha de Estudo escolhida, pensar as melhores estratégias para desenvolvimento do trabalho.

As etapas e ações apontadas pelo Projeto de Intervenção tiveram como desdobramento a Produção Didático-Pedagógica, atividade desenvolvida durante o 2º período do PDE em 2016 com o objetivo de sistematizar o material didático e a implementação do projeto.

A Produção Didático-Pedagógica propõe a indicação de fundamentação teórica, de material didático e encaminhamentos necessários como forma de superação do problema identificado e a possibilidade de avaliação do projeto quanto aos seus objetivos.

As atividades referentes ao Grupo de Trabalho em Rede (GTR) foi um momento importante para análise do trabalho produzido por meio de socialização do Projeto de Intervenção Pedagógica e Produção Didático-Pedagógica. A partir dos fóruns de discussões, por exemplo, foi possível observar as possibilidades e potencialidades do material didático partindo da realidade escolar de diferentes professores e regiões do Estado do Paraná.

O GTR auxiliou de forma prática repensar estratégias e discutir com novos olhares a fundamentação teórica escolhida e metodologia desenvolvida, tendo em vista que um dos principais objetivos do PDE é subsidiar os demais professores do Estado do Paraná com material didático que possa ser desenvolvido em diferentes localidades e realidades.

Importante destacar que durante todo processo, tanto na fase de desenvolvimento quanto de implementação e na necessidade de qualquer modificação, as atividades foram acompanhadas pela Equipe Pedagógica do Estabelecimento de Ensino e pelo professor orientador da Instituição de Ensino Superior (IES).

A linha de estudo Ética compõe, de acordo com Proposta Pedagógica Curricular (PPC) aprovada para o Estabelecimento de Ensino,

conteúdo destinado aos alunos do 2º Ano do Ensino Médio. Tendo em vista a existência que diversas turmas da referida série, as discussões e deliberações dos Conselhos de Classe foram utilizadas para definir dentro do Colégio Estadual Professor Mailon Medeiros – EFMP, qual turma do 2º ano do Ensino Médio, período matutino, participaria das atividades propostas, sendo deliberado em conjunto com o professor orientador que a Produção Didático-Pedagógica seria aplicada em apenas uma turma.

O público alvo tem como característica comum ao identificado pelo Projeto Político Pedagógico (PPP) referente a comunidade escolar em que o Estabelecimento de Ensino está inserido algumas dificuldades quanto ao domínio de algumas práticas fundamentais, principalmente ao que se refere ao hábito de leitura e interpretação de textos, sendo que durante as atividades uma das principais preocupação se referiram também à superação destas características.

Todas as atividades foram organizadas de acordo com a metodologia indicada no Projeto de Implementação Pedagógica, isto é, a pesquisa-ação, e as orientações metodológicas indicadas na Produção Didático-Pedagógica. Durante a implementação observou-se a necessidade de adaptar algumas atividades para contemplar a dinâmica da rotina do ambiente escolar, como será indicado a seguir. No entanto, esta ação não interferiu na fundamentação lógica do trabalho, nem nos objetivos propostos e nas expectativas de aprendizagem, sendo apenas uma necessidade prática.

Vale ressaltar que a metodologia pesquisa-ação tem caráter flexível e permite, durante o processo, a avaliação dos encaminhamentos para que possamos cumprir a ideia de inserção dos alunos enquanto sujeito do conhecimento.

Análise das Atividades

Visando auxiliar na interpretação das contribuições do projeto na ambiente escolar é necessário que analisar todas as atividades propostas e sua implementação:

Atividade 1 - Análise de conhecimentos prévios: os primeiros momentos de contato com a turma foram utilizados para ambientar os alunos quanto ao tema proposto e toda a fundamentação do PDE, contextualizando

dessa forma quais as atividades seriam realizadas e qual seria o papel da turma nesse processo.

Após este primeiro momento, os alunos foram indagados quanto à questões que envolvem o tema Ética: Qual a distinção entre moral e Ética? O que é ser ético? Quais assuntos estão relacionados com a Ética? O que ou quem decide o que é certo ou errado? Individualmente os alunos produziram texto com o objetivo de expor suas ideias referentes à discussão.

O que principalmente observamos nas produções de texto foi a dificuldade de distinguir ética e moral e qual a relação entre ética e a lei, do ponto de vista jurídico, estabelecida. São exemplos desta dificuldade o que encontrados nos texto produzidos: Aluno 1 – “Quem decide o que é certo/errado são as leis, porém nem sempre a lei é cumprida. Cada um faz as coisas se acha se é certo ou errado”. Aluno 2 – “Os assuntos relacionados com a ética são costumes, hábitos, regras, leis do que está estabelecido”.

Neste momento os alunos foram também questionados referente ao conhecimento de Histórias em Quadrinhos. A ampla maioria dos alunos nunca tiveram contato com essas histórias na forma impressa, apenas possuíam algum conhecimento do conteúdo por meio de filmes que abordam o tema.

A análise dos conhecimentos prévios dos alunos permitiu identificar o grande desafio do projeto, ou seja, relacionar Ética e Histórias em Quadrinhos, tendo em vista que a maioria dos alunos possuíam uma visão de senso comum sobre o tema e pouco acesso às Histórias em Quadrinhos.

Dessa forma, a visão geral obtida da análise das produções de textos foi utilizada para dar prosseguimento do trabalho. O debate sobre as ideias e temas trabalhados nesta etapa indicaram as preocupações que deveríamos ter na etapa seguinte:

Atividade 2 - Leitura de Histórias em Quadrinhos: a partir da leitura de recortes de revista de Histórias em Quadrinhos, disponibilizado em sala de aula e que pertenciam ao professor responsável pelo projeto, e exibição de filme, os alunos puderam identificar quais elementos éticos estavam contidos nas histórias. A história utilizada compõe a saga Desafio Infinito, da Marvel, e o filme Guardiões da Galáxia, da Marvel Studios.

Atividade foi realizada em grupos, porém as discussões ocorrem coletivamente após as considerações de cada relator de grupo, de forma oral.

Cabe destacar que os alunos tiveram facilidade em encontrar temas que compõe discussões éticas nas histórias analisadas, por exemplo, liberdade, responsabilidade, desejo e vontade. A explanação inicial sobre o tema na atividade anterior contribuiu para a realização desta ação.

Atividade 3 – Leitura e debate dos textos clássicos: etapa mais complexa e extensa do trabalho. A partir das discussões realizadas nas atividades 1 e 2, foram definidos os textos para serem lidos e interpretados de acordo com o referencial bibliográfico indicado.

A leitura foi realizada em conjunto por meio de exibição dos textos em equipamento multimídia. Os textos selecionados foram: a) Aristóteles: Ética a Nicômaco. Livro 1. Seções 1 a 4. b) Kant: Fundamentação da Metafísica dos Costumes. Primeira seção. c) Nietzsche: Genealogia da Moral. Primeiro Tratado (“Bem e mal”-“Bom e mau”) seções 4 e 5. d) Sartre: Existencialismo é um Humanismo. Versão da Antologia de Textos Filosóficos, páginas 619 a 621.

Devido a extensão desta atividade e sua dificuldade de realização optou-se por realizar a leitura e discussões dos textos de forma coletiva, a partir de uma plenária. A organização em grupos de leituras demandaria maior tempo que o disponível para realização desta atividade.

Levar os alunos a compreender de que forma os pensadores clássicos da Filosofia podem auxiliar na compreensão dos temas abordados e proposta de soluções foi um dos maiores resultados obtidos no trabalho. Por meio das falas dos alunos e das respostas obtidas percebeu-se esta possibilidade de ligação, apesar da dificuldade de interpretação dos textos.

Esta atividade também indicou um dos nossos grandes desafios na docência de Filosofia. É essencial incluir a leitura de textos clássicos da Filosofia como forma de superação do senso comum e a formação do aluno enquanto sujeito do conhecimento.

Atividade 4 – Análise dos problemas do contexto escolar: após identificação de temas e debates que compõe a Linha de Estudo Ética e fundamentação teórica, foi produzido individualmente texto dissertativo-argumentativo que apontasse os principais problemas observados no contexto escolar e forma de superação. Esta produção subsidiou a elaboração dos seminários e roteiro para produção das Histórias em Quadrinhos.

Os temas indicados do contexto escolar foram: preservação do meio ambiente, investimento em saúde e educação, uso de celular em sala de aula, desacato funcionário público.

Pelas indicações dos problemas encontrados no contexto escolar percebe-se a compreensão, por parte dos alunos, que os temas abordados pela Linha de Estudo Ética estão presentes no dia a dia escolar e podem ser analisados do ponto de vista filosófico.

Atividade 5 – Seminários: momento em que os alunos socializaram suas produções e utilizado como parâmetro para as discussões que iriam compor a produção das Histórias em Quadrinhos, realizada em grupos. Atividade essencial para analisar a compreensão dos alunos sobre as discussões e assimilação da fundamentação teórica para sugestão de superação dos problemas apontados.

Atividade 6 – Produção de Histórias em Quadrinhos: fechamento das atividades e elemento crucial para analisar os resultados dos encaminhamentos utilizados durante todo o projeto.

Pelas histórias produzidas observamos a compreensão dos alunos de elementos que compõe o debate ético trabalhados de forma lúdica, como é a proposta de utilização de História em Quadrinhos em sala de aula.

O site <https://www.pixton.com/br/> foi utilizado para a produção das Histórias em Quadrinhos. É possível a realização de um registro para uso pessoal ou realizar um registro para experimentar os recursos por tempo determinado.

Todas as produções foram socializadas, conforme exemplos em Anexo.

Cronograma das atividades desenvolvidas

A implementação das atividades previstas no Projeto de Intervenção em 2017 foi realizada no total de 32 aulas, devidamente registrada no Livro de Registro de Classe, da seguinte forma:

Data	Atividade	CARGA HORÁRIA	Obs.
20/02 21/02 07/03 13/03	Introdução aos conteúdos da disciplina de Filosofia Atividade 1: Análise de conhecimentos prévios	4h/a	
14/03	Atividade 2 - Leitura de Histórias em	6h/a	Possui

20/03 21/03 27/03	Quadrinhos. Análise de filme baseado em Histórias em Quadrinhos		atividades contraturno
28/03 a 02/05	Atividade 3 – Leitura e debate dos textos clássicos	10h/a	
08/05 09/05 15/05 16/05	Atividade 4 – Análise dos problemas do contexto escolar	4h/a	
29/05 30/05 05/06 06/06	Atividade 5 – Seminários	4h/a	
13/06 a 04/07	Atividade 6 – Produção de Histórias em Quadrinhos	4h/a	Possui atividades contraturno
		Carga Horária TOTAL	32h/a

Considerações Finais

Enfrentamos diferentes desafios no exercício docente, porém o objetivo deste projeto visa atender especificidades do ambiente escolar em que o projeto está inserido aliando, especificamente, os conteúdos da tradição filosófica aos problemas do cotidiano escolar.

Durante todo processo de elaboração do Projeto de Intervenção Pedagógica, Produção Didático-Pedagógica e atividades de implementação, ficou nítido a necessidade de repensar a prática pedagógica a partir dos problemas e condicionantes da realidade escolar, incluindo o aluno no processo de aprendizagem não somente como ouvintes, mas como interlocutores e sujeitos capazes de compreender sua realidade e produzirem conteúdos capazes para propor soluções.

Pensar na Filosofia enquanto disciplina que forneça possibilidades práticas para ação na sociedade por meio de críticas, análises, investigação e criação de conceitos a partir da tradição filosófica é essencial para uma formação de qualidade.

Assim, um dos principais resultados obtidos durante todo o processo foi percebido, durante a execução das atividades, quanto à necessidade da participação do aluno em todas as etapas do processo educativo, como a

metodologia da pesquisa-ação requer. Elencar os conhecimentos prévios para projetar e organizar os encaminhamentos necessários para a superação do senso comum é dos elementos essenciais nesta perspectiva.

O modo como as atividades foram pensadas e organizadas também favorecem sua utilização nos demais conteúdos da Filosofia, de acordo com a proposta para o Ensino Médio. Utilizando como mobilização as Histórias em Quadrinhos podemos trabalhar conteúdos referentes à função do mito, possibilidades do conhecimento, bioética, liberdades individuais, entre outros. É possível dentro das Histórias em Quadrinhos encontrar estes e outros temas que podem ser utilizados como pano de fundo para uma discussão mais ampla do ponto de vista da Filosofia.

Referências

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad. br. Mário Gama Kury. 3ª Edição, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- BARI, Valéria Aparecida. **O POTENCIAL DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA FORMAÇÃO DE LEITORES: BUSCA DE UM CONTRAPONTO ENTRE OS PANORAMAS CULTURAIS BRASILEIRO E EUROPEU**. 2008. 420 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciência da Comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-27042009-121512/en.php>>. Acesso em: 17 jun. 2016.
- CALLARI, Victor. Política e terrorismo na série Guerra Civil da Marvel Comics. **Domínios da Imagem**, [s.l.], v. 8, n. 16, p.146-167, 22 dez. 2014. Universidade Estadual de Londrina. <http://dx.doi.org/10.5433/2237-9126.2014v8n16p146>.
- DALAZOANA, Elida. **A HISTÓRIA EM QUADRINHOS COMO RECURSO DIDÁTICO NA CONSTRUÇÃO DO SABER HISTÓRICO**. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE, 2013. Curitiba: SEED/PR., 2016. V.1. (Cadernos PDE). Disponível em: <<http://www.gestoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=20>>. Acesso em 21/04/2016.

DESAFIO INFINITO. São Paulo: Editora Abril, mar. 1995.

DUTRA, Elissandra Eliza Calixto. **O uso das histórias em quadrinhos na aula de Língua Portuguesa**. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE: Produção Didático-pedagógica, 2014. Curitiba: SEED/PR., 2016. V.2. (Cadernos PDE). Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uenp_port_pdp_elissandra_eliza_calixto_dutra.pdf. Acesso em:

10/11/16. ISBN 978-85-8015-079-7

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª edição, São Paulo: Atlas, 2002.

GUARDIÕES DA GALÁXIA. Direção: James Gunn. EUA: Marvel Studios, 2014. 120min.

GUERRA CIVIL. São Paulo: Panini Brasil, n.1, jul. 2007.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. Trad: Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964.

MENDONÇA, João Marcos Parreira. **O ENSINO DA ARTE E A PRODUÇÃO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO ENSINO FUNDAMENTAL**. 2006. 137 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arte, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/VPQZ-6ZGJWC>>.

Acesso em: 17 jun. 2016.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da Moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PALHARES, Marjory Cristiane. **HISTÓRIA EM QUADRINHOS: UMA FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA**. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense, 2008. Curitiba: SEED/PR., 2011. V.1. (Cadernos PDE). Disponível em: <www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=20>. Acesso em 21/04/2016.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **ANTOLOGIA DE TEXTOS FILOSÓFICOS**. Curitiba: SEED, 2009.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares Orientadoras da Educação Básica para a Rede Pública Estadual do Paraná**. Filosofia. Curitiba: Seed/DEB, 2008.

SARTRE, J. **Existencialismo é um Humanismo**. (Coleção Os Pensadores – vol. XLV). São Paulo: Editora Abril Cultural, 1973.

SILVA, Rafael Laytynher. A CONTRIBUIÇÃO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DE SUPER-HERÓIS PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES CRÍTICOS. **Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação**, São Paulo, v. 5, n. 1, p.1-12, nov. 2011. Disponível em: <

<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/anagrama/issue/view/566>>.

Acesso em: 28 jun. 2016.

SILVA, Vandei Pinto da. COTIDIANO E FILOSOFIA A NO ENSINO MÉDIO: MEDIAÇÕES. **Educação em Revista**, Marília, v.12, n.1, p.125-138, Jan.-Jun., 2011. Disponível em:

<<http://revistas.marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/article/view/1543>

>. Acesso em: 28 jun. 2016.

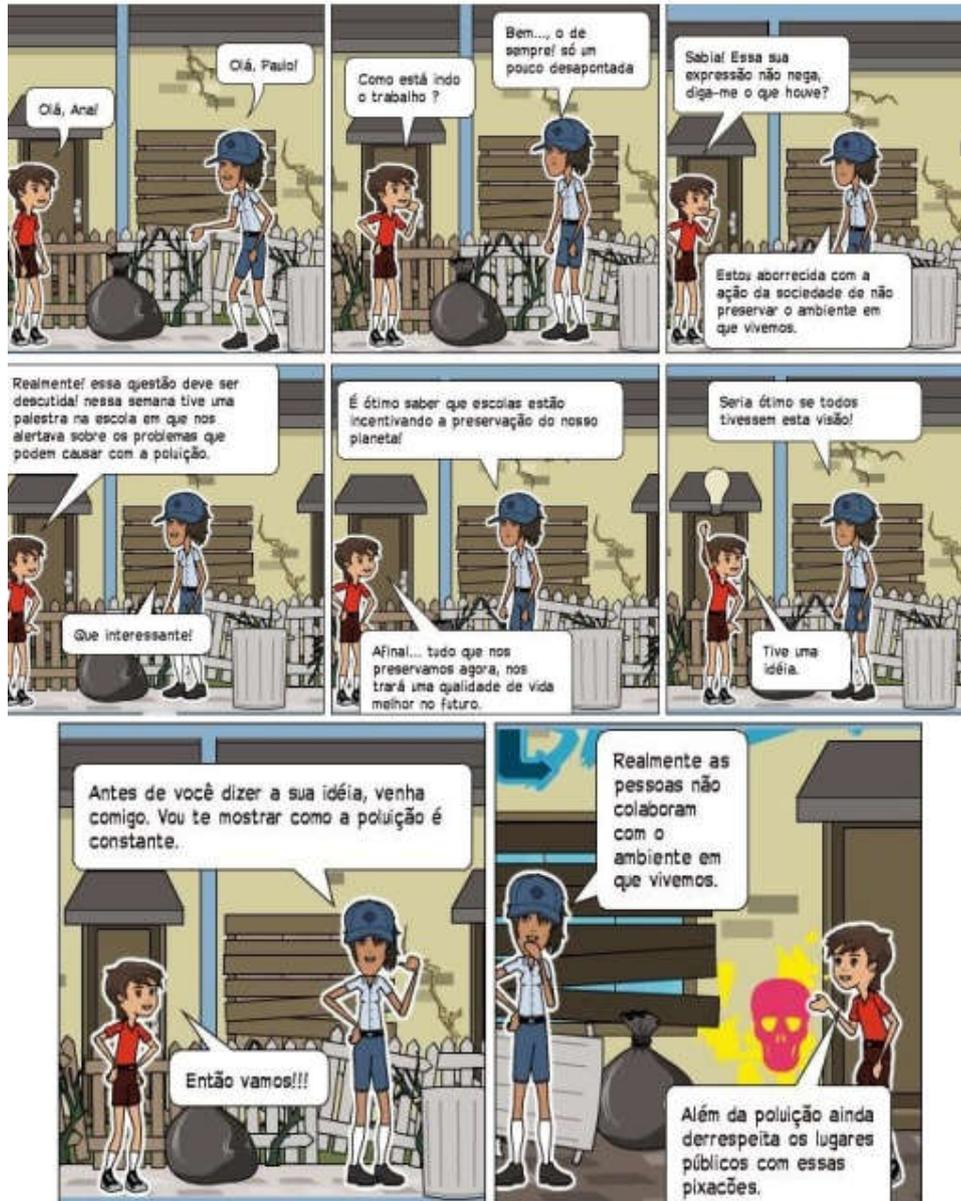
WESCHENFELDER, Gelson Vanderlei. OS SUPER-HERÓIS E ESTA TAL DE FILOSOFIA. **Revista de Educação do IDEAU**, Getúlio Vargas, v. 7, n.15, p. 1-13, jun. 2012. Disponível em:

<<http://www.ideau.com.br/getulio/anterior/index/5/REI+04062012> >. Acesso em:

28 jun. 2016.

Anexos

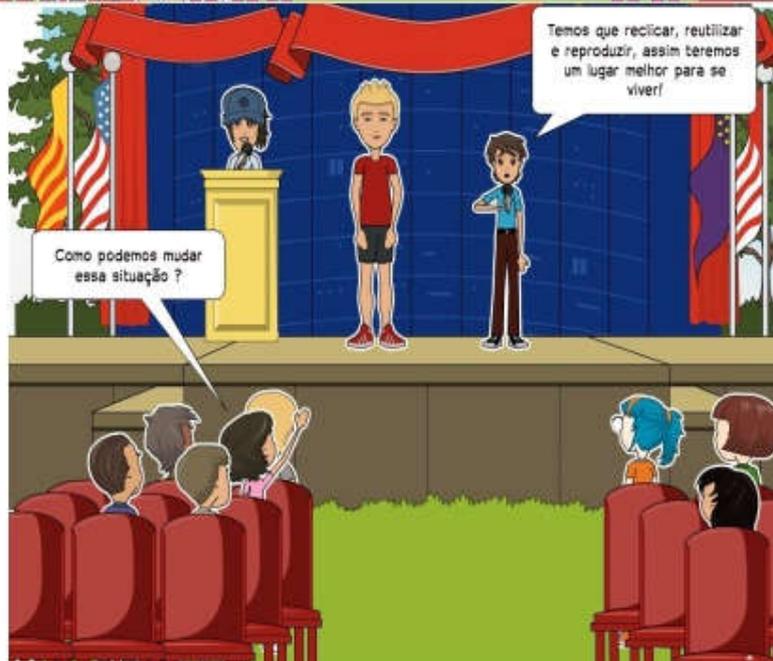
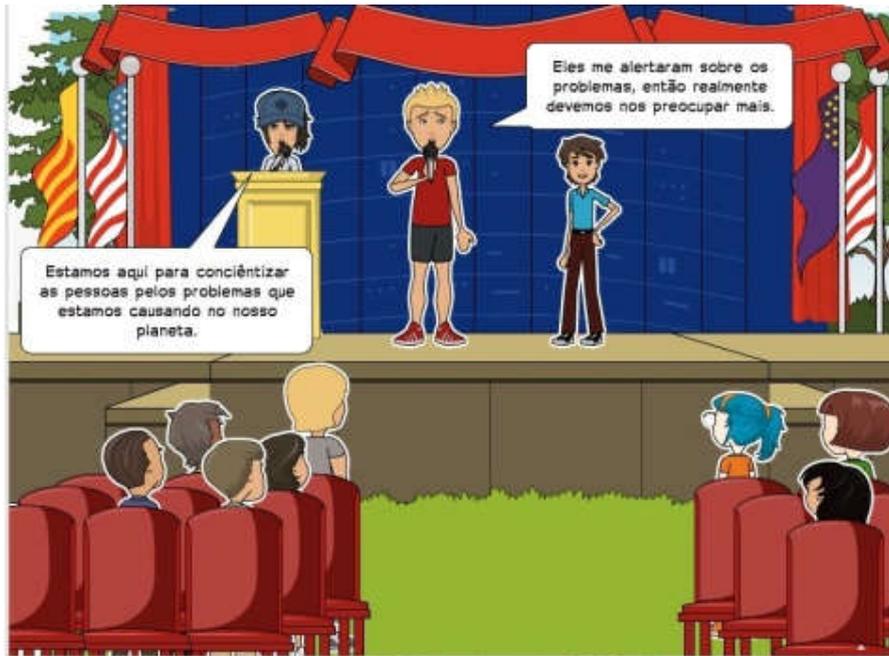
Anexo 1













Anexo 2

